

DESENVOLVIMENTO URBANO EM JAGUARÃO: DIAGNÓSTICO RÁPIDO URBANO PARTICIPATIVO

MAIGA NATSUMI YOKEMURA¹; GABRIELA PASQUALIN CAVALHEIRO²; OTAVIO GIGANTE VIANA³; RODOLFO BARBOSA RIBEIRO⁴; ⁵OTÁVIO MARTINS PERES; MAURICIO COUTO POLIDORI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – maigayokemura@hotmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – gabrielapasqualin@hotmail.com;

³Universidade Federal de Pelotas – otaviogv@live.com;

⁴Universidade Federal de Pelotas – rodolfobribeiro@live.com;

⁵Universidade Federal de Pelotas – otmperes@gmail.com;

⁶Universidade Federal de Pelotas – mauricio.polidori@terra.com.br.

1. INTRODUÇÃO

Jaguarão, uma cidade de fronteira do Brasil com o Uruguai, no sul do Rio Grande do Sul, hoje vivencia as tensões geradas pelo crescimento urbano a partir da geração de novos polos de atração, pelo tombamento federal que abrange mais de 650 prédios em 150 hectares na zona central, além da presença da periferia tradicional, gerando um conjunto que se insere em uma paisagem natural típica.

Neste cenário, desenvolve-se o programa “Desenvolvimento urbano em Jaguarão: ampliando fronteiras do saber”, objetivando a geração de novos conhecimentos e habilidades para os gestores e demais agentes sociais envolvidos com a política urbana, necessários em uma cidade distinta e em crescimento. O projeto subdivide-se em quatro temáticas (diagnóstico, uso do solo, “paraformalidades” e estrutura cromática), sendo o modo de realização de um diagnóstico participativo, dedicado a questões sociais e espaciais, o objeto de estudo de que trata este artigo.

O diagnóstico é uma análise elaborada, que busca identificar os problemas e potencialidades do local de estudo, o que foi realizado através do questionamento quanto aos desejos da comunidade, assumidos como de importância fundamental para compreensão e para a realização de práticas de planejamento urbano. Segundo BROSE (2001, p. 80), os envolvidos assumem papel ativo na análise dos problemas e no planejamento das ações, sendo que a população local se apropria do método, considerando-se geradora dos resultados do diagnóstico e se sentindo corresponsável pela implementação das ações planejadas.

A importância do diagnóstico participativo é que os dados colhidos auxiliam a conhecer melhor o problema e o contexto no qual o trabalho será realizado. De posse dos dados coletados e de sua interpretação, os gestores urbanos podem decidir qual o rumo a ser tomado e que objetivos perseguir para resolver e/ou enfrentar as necessidades diagnosticadas (SERRÃO, 1999). Considerando que os agentes públicos normalmente não estão preparados para enfrentar a complexidade do contexto urbano existente, o diagnóstico identifica potenciais, problemas, condicionantes e recomendações, extraíndo prioridades e socializando conceitos, que podem servir como auxílio a políticas públicas para soluções urbanas.

2. MÉTODO

O processo do diagnóstico foi realizado em quatro etapas diferentes, com os funcionários da prefeitura, os professores, as crianças e finalizando com a

comunidade em geral, com reuniões com cada grupo. Essa organização se deu pela necessidade de extrair as vontades da população em caráter plural, abrangendo grupos sociais distintos.

Em virtude das diferenças entre cada grupo, os procedimentos do diagnóstico foram adaptados, porém utilizando sempre o método geral conhecido como Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP), um sistema que segundo BROSE (2001, p. 80) “desenvolve atividades de levantamento de informações e análise da situação existente para identificação das principais características físicas e socioeconômicas (problemas e potencialidades)”.

Outro recurso sempre presente foi o mapa da cidade, sendo a questão visual imprescindível para os resultados espaciais do projeto. É importante entender o que agrada, deseja e aflige a população, porém, saber a localização dos fatores é essencial para permitir uma análise urbana da situação. O diagnóstico concentra-se em um questionamento aos participantes sobre suas vontades relacionadas à Jaguarão, transcritas como seus desejos para o futuro da cidade, enfatizando que as vontades pessoais poderiam ser consideradas. Ao lado dos compromissos éticos e políticos que os participantes normalmente carregam, a ideia é de capturar um universo de subjetividades sobre a cidade e, por superposição, construir intersubjetividades.

O primeiro DRUP ocorreu com a equipe da administração municipal, no qual um mapa da cidade de 2x3 metros foi fixado na parede, onde cada um respondia conforme seus próprios anseios, através de papéis coloridos que representavam temas e perguntas pré-definidos. Para cada pergunta o participante respondia no papel qual mudança almejada, colando-o posteriormente no mapa, na localização escolhida.

Os temas trataram de “Ambiente e futuro da cidade” (incluindo preservação, recuperação e valorização de áreas bem como locais para novas áreas urbanas, de habitação social e atividades produtivas); de “Estrutura Intraurbana” (com sugestões para novas atividades e construções); de “Mobilidade e Infraestrutura” (incluindo os tipos de transporte e as características das ruas da cidade); também trataram de um “Tema livre”, que amparava uma visão mais geral e aberta, marcando no mapa a área em que desejava uma maior atenção das autoridades em relação a qualquer aspecto almejado.

Ao cabo foram extraídas prioridades, identificando o principal desejo da comunidade local. Para isso foi questionado qual seria o ponto que cada um mudaria se houvesse a possibilidade de se transformar apenas uma única coisa em Jaguarão.

Já no segundo encontro, o grupo participante era composto por professores de escolas públicas da cidade. O método foi alterado do físico para o virtual, fazendo uso do PPSIG (Sistema de Informações Geográficas de Participação Pública), onde o conjunto de perguntas era semelhante ao da oficina anterior, o mapa e a forma de resposta continuavam do mesmo modo, porém o processo se dava através do computador, *online*.

A modificação se deu porque no segundo sistema é possível o repasse do questionário pelos professores aos alunos, habilitando qualquer um a fazer parte do projeto: o morador de Jaguarão pode responder o questionário a partir da sua própria casa. Para que realmente houvesse uma multiplicação da informação do projeto nas escolas, foi solicitada a participação de professores envolvidos nas áreas de sociologia, geografia, história e similares, próximos ao assunto discutido.

As figuras 1 e 2, adiante, mostram um mapa com os desejos afixados em papéis colados sobre o mapa e professoras de geografia sendo orientadas pelo professor Otávio Peres, respectivamente.



Figura 1 (Esq.) – Mapa após a primeira oficina. Fonte: Matheus Costa, 2013.
Figura 2 (Dir.) – Professoras na plataforma virtual. Fonte: Matheus Costa, 2013.

De acordo com ROUSSEAU (1995, p. 86) “A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhes são próprias;”. É notório que a criança possui uma opinião diferenciada e buscando isso que a segunda oficina foi realizada com elas. O encontro com as crianças se organizou mediante reuniões com alunos das escolas municipais Coronel Sampaio e Presidente Kennedy, localizadas em pontos distintos e periféricos na cidade, buscando ampliar a abrangência dos resultados.

Para realizar as atividades do diagnóstico, o mapa foi colocado no chão, onde as crianças possuíam uma proximidade maior. Os papéis coloridos foram trocados por bandeiras com massinhas de modelar e origamis de papel, mais atrativos aos participantes. As perguntas realizadas se dividiram em três: onde o participante gostaria de morar, qual o seu local favorito e onde deveríamos preservar o ambiente natural. Tudo de forma simplificada, facilitando o entendimento (figura 3, adiante, com bandeiras e origamis).

Finalizando os encontros com a comunidade, foi promovida uma “mateada cultural” em conjunto com a UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa) onde o grupo envolvido correspondia principalmente aos moradores do Cerro da Pólvora, local sede do evento. Para as crianças, o método utilizado no diagnóstico foi o mesmo da oficina anterior, com o mapa no chão e as perguntas respondidas por bandeirinhas de papel. Paralelamente, os adultos eram questionados sobre as suas prioridades quanto à cidade (figura 4, a seguir, com a bolsista Gabriela Cavalheiro interagindo com as crianças).



Figura 3 (Esq.) – Oficina com as crianças. Fonte: Matheus Costa, 2013.
Figura 4 (Dir.) – DRUP na mateada cultural. Fonte: Matheus Costa, 2013.

3. RESULTADOS

Após a realização das diferentes oficinas com a comunidade jaguarense, o material coletado resultou em mapeamentos e análises informatizadas, com os mapas físicos transferidos para a plataforma Google Earth, sendo os desejos transcritos como pontos coloridos no mapa digital, disponível na internet (figura 5, adiante). Posteriormente, os arquivos foram convertidos para um Sistema de Informações Geográficas, com funções para aquisição, armazenamento, gerenciamento, manipulação, processamento, exibição e publicação de elementos e informações geográficas. Finalizando o tratamento dos resultados, as respostas foram também tabuladas, gerando frequências e gráficos que esclarecem os tópicos mais recorrentes entre os desejos dos participantes (figura 6, abaixo).

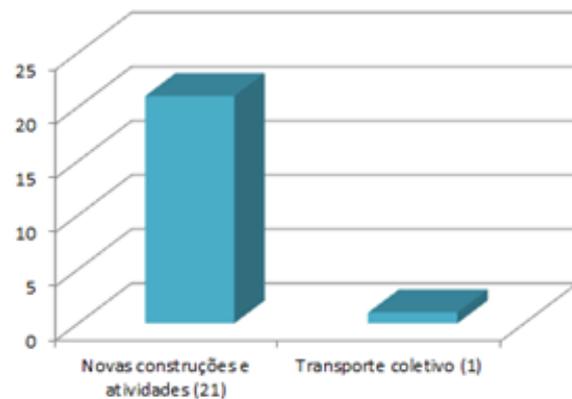
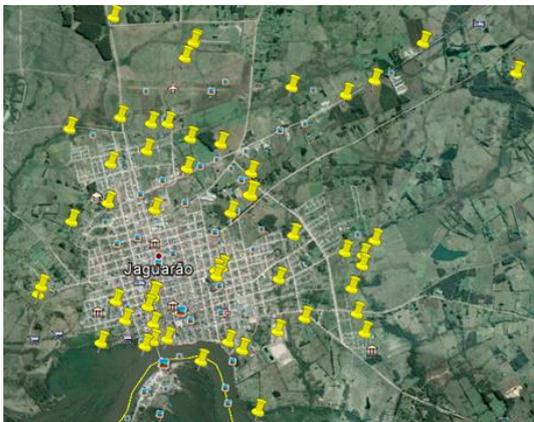


Figura 5 – Um dos resultados visualizado pelo Google Earth. Fonte: Gabriela Pasquin

Figura 6 – Frequências de “Estrutura Intraurbana”. Fonte: Maiga Yokemura

A sistematização final dos dados está em andamento, de modo a instrumentar as próximas reuniões com a comunidade, programadas para novembro de 2013, nas quais os resultados do diagnóstico serão apresentados, discutidos e revistos, conforme o andamento da discussão.

4. CONCLUSÕES

A cidade necessariamente inclui as pessoas que nela habitam e o desejo dessas pessoas é fundamental para seu planejamento. Nesse caminho, o DRUP (Diagnóstico Rápido Urbano Participativo) é uma ferramenta que facilita a interação com a comunidade, sendo o mapeamento dos desejos instrumento importante para a tomada de decisões. Ademais, é preciso avançar em modos de apropriação do espaço urbano pela comunidade, podendo as atividades propostas neste trabalho contribuir, apoiando ações públicas de gestão urbana e reivindicações populares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROSE, M. **Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo editorial, 2001.
- ROUSSEAU, J-J. **Emílio, ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SERRÃO, M. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo: FTD, 1999.